

Editorial

“A arquitetura do presente trabalho situa-se na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro.” (Frantz Fanon, 2008, p. 29).

A iniciativa deste dossiê teve início em Junho de 2020 e, como aponta a epígrafe, este congregado de esforços - como não poderia deixar de ser - se enraíza em uma temporalidade particularmente complexa, desafiadora e demandante no Brasil. Nós, e as/os demais autoras/es que integram este dossiê, produzimos nossos trabalhos arduamente em meio a instabilidades, incertezas e choque das notícias constantes sobre dezenas de milhares de mortes (que ainda ocorrem em nosso país no momento em que escrevemos essas linhas) devido a pandemia da COVID-19. Não bastando o horror da pandemia, tivemos - e ainda temos - que lidar com uma espécie de *intersecção de crises*, considerando a concomitância caótica de múltiplas crises para além meramente da pandêmica, como a econômica, a social, a política, a ética, a ecológica e a de direitos humanos que vem assolando o país e o mundo.

Como docentes universitárias/os de instituições públicas federais, nós - organizadoras/es deste dossiê, assim como várias/os das/os autoras/es aqui reunidas/os - enfrentamos um acúmulo de trabalho excepcional, entre outras razões, pelo advento do ensino remoto resultante dessa pandemia. Tendo dito isso, destacamos e reconhecemos o imenso trabalho coletivo aqui apresentado, a qualidade das obras recebidas, seu caráter multifacetado e sua proveniência de todas as regiões do Brasil. Negritamos também esses escritos céleres e competentes em meio a tanta dor, cansaço, sobrecarga de trabalho e práticas de governo notadamente necropolíticas (MBEMBE, 2018) que nos afetam.

A proposta desse dossiê, portanto, é reunir um conjunto rico, complexo e diversificado de obras, sobretudo das Ciências Sociais e Humanas, influenciado por giros epistemológicos decoloniais, subalternos e em especial dos feminismos negros. Vários dos trabalhos aqui reunidos compartilham formas de *escrevivências* gestadas “mais ao Sul” do que o comum na academia. Essa relação “Sul-Sul” é pensada aqui por meio de um investimento proposital na construção de pontes em termos de conexões descentradas e indóceis quanto a variados “Centros” simbólicos hegemônicos. Assim, esses trabalhos - etnográficos, artigos, ensaios, entrevistas e obras artísticas - se dedicam a endereçar, analisar e refletir criativamente, em distintos contextos, sobre questões de corporalidade, raça, etnia, gênero, sexualidades, gerações e narrativas a partir de perspectivas interseccionais. Com isso, congregamos trabalhos com abordagens, análises, métodos e reflexões insurgentes, insubmissas e subversivas quanto a cânones e epistemologias eurocêntricas e coloniais.

As escritas e trabalhos artísticos reunidos neste dossiê inserem-se num esforço de produção de narrativas de resistência e de enfrentamento às ofensivas ultraconservadoras em voga. Além disso também refletem as tentativas coletivas de constituição de aquilombamentos e alianças políticas, teóricas e epistemológicas entre distintos sujeitos de modo a contribuir para combater as inúmeras iniciativas racistas, machistas, neocoloniais, ultra conservadoras, neoliberais e fundamentalistas religiosas que têm ganhado tração em vários pontos do globo. As obras aqui presentes fundamentam-se, portanto, em diferentes contribuições e reflexões produzidas pelos feminismos negros transatlânticos, assim como por teóricas(os), ativistas e intelectuais comprometidas(os) de distintas formas com lutas anticoloniais, antiracistas, antimachistas, antiLGBTfóbicas, antielitistas, anticapacitistas, antigordofóbicas, antiidadistas, enfim antidiscriminatórias.

Reunimos autorias, portanto, que tematizam criticamente múltiplas formas de opressões, explorações, desigualdades, assim como de privilégios sociais na contemporaneidade e que, concomitantemente contribuem para o despertar de resistências e enfrentamentos. Essas abordagens, por fim, visam contribuir para o estabelecimento e a ampliação de múltiplas formas de agência em prol da desconstrução de estruturas que produzem e sustentam relações

de poder tão profundamente assimétricas e historicamente arraigadas em nossas sociedades.

Tendo isso em vista, Flávia Melo, da UFAM, no artigo intitulado “*Ensaio por uma política etnográfica do contágio*” analisa a experiência do Observatório da Violência de Gênero no Estado do Amazonas, um programa de extensão da Universidade Federal do Amazonas. Para tanto, Flávia toma como material de análise os relatos de três jovens mulheres sobre suas trajetórias de violência intrafamiliar, o processo de formação e intervenção pública e o percurso no qual se forjaram como antropólogas e feministas. A partir daí, a autora problematiza os agenciamentos através dos quais estas jovens antropólogas feministas construíram rupturas com as relações violentas vivenciadas, o modo como se reivindicam sujeitos de direitos e os sentidos atribuídos por elas às suas práticas, aos feminismos e à antropologia. Recorrendo a literatura antropológica, feminista e decolonial, a autora postula uma *política etnográfica do contágio*, a qual produz um reposicionamento radical no *campo*, redefinindo fronteiras da antropologia e da escrita etnográfica.

Em seguida apresentamos o artigo da socióloga negra baiana Dyane Brito (UFRB), “*Trajetórias negras importam - Histórias de Nordestinas(os) Egressas de Políticas de Cotas Raciais no Ensino Superior Público Brasileiro (2003- 2018)*”. Nele, Dyane apresenta e analisa os impactos das ações afirmativas na trajetória acadêmica e profissional de cinco estudantes nordestinas(os) egressas(os) das políticas de cotas e os reflexos de suas formações na vida familiar. A autora destaca a importância de avaliar tais impactos em profundidade, em particular ao considerar as dificuldades históricas do acesso à educação superior tanto desses jovens quanto de seus familiares.

Marilea de Almeida (Unicamp) em “*Corporeidades negras em risco: o racismo acadêmico e seus afetos*” nos impacta de modo expressivo ao apresentar e problematizar a experiência do racismo acadêmico. Tal experiência é apontada como uma tecnologia de poder cujas práticas de discriminação racial acontecem de forma velada ou explícita em instituições acadêmicas, reafirmando os privilégios e a reprodução da branquitude. Para tal, Marilea toma como ponto de partida a descrição e análise de um impactante evento de racismo vivido por ela entre os pares acadêmicos e pacto da branquitude reforçado no silêncio.

Luciana Lessa (UFBA), ao questionar “*O que o racismo fez com você?*”, nos conduz a uma reflexão sobre as formas como a colonização, a memória da escravidão e o racismo impactam negativamente a autoestima e a subjetividade de mulheres negras. Esse impacto faz com que internalizemos as desigualdades, a sensação de sermos cidadãs de segunda categoria e de que alguns espaços não nos pertencem. Esta inferiorização cotidiana, de acordo com a autora, concorre para a negação da identidade negra. Para compreender esse processo, Falcão articula as narrativas de mulheres negras integrantes da Rede de Mulheres Negras da Bahia com os Estudos Decoloniais e o Feminismo Negro.

Vera Rodrigues (UNILAB) no artigo “*Uma carta para Marli Pereira Soares*” de forma envolvente, precisa e afetiva trata da trajetória vivida por Marli Pereira Soares; a Marli Coragem. Em um diálogo imaginado de uma mulher negra para outra(s), a narrativa que daí emerge, como bem provoca a autora, pode ser mais insurgente e potente do que aquela que emerge da “*escrevivência*” de mulheres negras. Perguntando-se em seu ensaio sobre quais corporalidades expressariam mais “a dor e a delícia de ser o que se é”, a autora debate as vivências de Marli Coragem como desveladoras da experiência do racismo, da violência e de inúmeras violações de direitos que atravessam décadas e gerações de sua família.

Levando em consideração o histórico de percepção que o Ocidente construiu para a relação com corpos desde uma perspectiva definida como de “*encarcerantes*”, Wanderson Flores (UnB) problematiza a questão no artigo “*Corporalidades em abertura: Os candomblés e percursos da resistência incorporada*”. Em seu trabalho o autor reflete sobre os modos como os candomblés entendem, desde suas cosmologias de origem africanas, outras possibilidades de entendimento da corporalidade, que se encaminham, na contramão ocidental, em uma abertura. Tal abertura criativa, própria dessas resistências geração-após-geração aos legados coloniais persistentes, contribuiria para uma resignificação da percepção dos corpos e das relações que as pessoas possuíam para com eles.

No artigo “*Orí e Cabaça são femininas: Mulheres-raízes e suas insurgências na intelec-*

tualidade brasileira”, Luciana de Oliveira Dias (UFG), Cristiane Santos Souza (UNILAB) e Carlos Eduardo Henning (UFG) desenvolvemos reflexões sobre desigualdades estruturadas, posicionalidades, nichos de privilégios sociais, lugares de fala e consolidação de alianças, por meio do estudo de articulações entre marcadores sociais da diferença, à luz de um pensamento feminista negro. No caso, nos detemos na análise de parte das obras de intelectuais negras brasileiras que chamamos de *“mulheres-raízes”*, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, entre outras, considerando suas obras como evidenciando teorias, práticas, intelectualidades e engajamentos políticos reveladores de um entrelaçamento indissociável de reflexividade crítica e agenciamentos antirracistas e antimachistas.

Por sua vez, no artigo *“A nação como narrativa masculina”* o antropólogo negro Waldemir Rosa (UNILA) analisa a forma como o Rap brasileiro se produz como uma narrativa dissidente em relação a narrativa de formação da nação e do Estado Nacional. O autor, analisando letras de *rappers femininas* escritas entre 1990 e 2005, enfatiza a necessidade de reconhecer suas múltiplas agências e polivocalidade a partir da análise da narrativa feminina dessas artistas na afirmação do lugar das mulheres no Hip Hop. O autor, por fim, ao analisar a narrativa das mulheres, procura contribuir para um enfrentamento ao *“sexismo racializado”*, no contexto do Rap, produzindo também um léxico crítico de (re)leitura da nação.

No ensaio *“Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong: homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira”*, Milton Ribeiro (UEPA) analisa masculinidades negras, imagens de controle sobre homens negros e processos de representação do corpo negro na sociedade brasileira. Questionando-se sobre *“como mídia e ciências articularam saberes (e controle) sobre o homem negro”* no Brasil, Ribeiro produz uma análise que identifica as formas como o racismo entrelaça relações desses homens com seus corpos, lugares e imagens. Para tanto endereça exemplos da música, do cinema, teatro, literatura e outros meios atentando para formas estruturais e léxicos raciais constituindo posições negativas para homens negros.

Camila Daniel (UFG), por sua vez, no artigo *“Diáspora sou(l): a construção de subjetividades de mulheres negras no corpo em movimento”*, reflete sobre o papel das artes, em particular a dança, no processo de descolonização das subjetividades negras. A partir do estudo de caso empreendido pela autora, analisa então a *performance* de duas antropólogas negras brasileiras, no contexto de uma celebração do Kwaanza, feriado afro-estadunidense pan-africanista ocorrida em Baltimore, cidade estadunidense majoritariamente negra. Nessa direção a autora analisa a *“diáspora sou(l)”* como um *“território de produção de sentidos e pertencimentos que possibilitaram o florescer e a descolonização da criatividade e das emoções”*.

Em seguida o dossiê traz à baila uma proposição curatorial de narrativas imagéticas e textuais de cunho etnográfico e artístico. Para a organização deste material, contamos com a sensibilidade e o cuidadoso trabalho de curadoria realizado por Emilly Chaves (UFBA), Emerson Almeida (UFBA) e Glauco B. Ferreira (UFG). Em seu artigo intitulado *“Trançando as travessias: de corpos, das águas e de jogos”*, os/a curadores/a discorrem de forma potente e fascinante sobre os diálogos e compartilhamentos no processo de curadoria das obras recebidas. Nele a autora e os autores problematizam a criação da proposta curatorial para o presente dossiê, o encontro e as trocas durante o processo, a relação com as/os artistas, deixando explícito nesta escrita de conversações e de compartilhamentos que constituíram o movimento de proximidades e distanciamentos entre os membros da equipe de curadoria, para trançar a elaboração de um jogo-curatorial-artístico idealizado para o meio digital. Os trabalhos recebidos pela curadoria, ademais, atravessariam: *“mapas de fuga, memórias, ancestralidades e espiritualidades que emanam das experiências da diáspora africana na América do Sul e no Brasil, existentes nas obras das artistas”*.

Neste processo de concepção curatorial foram prestigiados os impulsos visuais e artísticos que refletem sobre as relações Sul-Sul. Neste sentido, a proposta foi sendo tecida de modo a afinar com a produção de formas de resistência locais e regionais e com os debates epistemológicos decoloniais, agregando abordagens e perspectivas artísticas gestadas em especial em países da América Latina. Nesse processo curatorial foram incluídos as obras imagético-textuais propostas pelas/os artistas Castiel Vitorino Brasileiro (PUC/SP), Clébson Francisco (UFC)

e a belíssima ilustração intitulada “Ritual às Mães” de Mayara Ferrão (UFBA). As perspectivas curatoriais, portanto, visam interconexões descentradas e dissidentes, gestadas em diferentes contextos culturais, étnico-raciais, de gênero, das sexualidades e gerações. Ao fim, as obras de expressões artísticas e que fazem parte desse dossiê fundamentam-se em outros deslocamentos sobre os modos de ver e de se relacionar, propondo contra-narrativas imagéticas e das visualidades.

Finalizamos o dossiê com a exuberância das entrevistas sobre as trajetórias de vida, acadêmica e política concedidas por duas importantes intelectuais negras brasileiras: Denise Botelho e Eliane Cavalleiro. Esperamos que esse conjunto complexo, instigante e representativo de artigos, ensaios, entrevistas e obras artísticas possa contribuir para avançar nas discussões em seus respectivos campos de estudos e em formas de tematizar diferenças, desigualdades, opressões e maneiras de desconstruir e desmontar agencialmente tais assimetrias dentro e fora do contexto acadêmico.

Mo dupe pupo!

Referências

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952], p. 194.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

Organização

Profa. Dra. Luciana de Oliveira Dias (UFG)

Profa. Dra. Cristiane Santos Souza (Unilab)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning (UFG)